

Ainda Sobre o 1.º de Maio.

TRABALHADORES-E-ESTUDANTES, MAS SO LUTA!

Porque consideramos que só uma ligação efectiva das lutas estudantis às lutas operárias poderá superar os impasses crónicos a que o Movimento Estudantil está sujeito quando limitado ao " ghetto " universitário, fazemos aqui a transcrição integral do discurso proferido por uma jovem trabalhadora no Conselho de 1966 em Maio, realizado em Coimbra.

"CALAMIDADES:

Após a queda do regime fascista, regime de opressão utilizado pelo patronato para a exploração e esmagamento dos trabalhadores, foi novamente possível celebrar livremente o 1.º de Maio, dia mundial do trabalhador.

Durante 43 anos de dominação, a ditadura procurou esmagar toda e qualquer resistência da classe operária. As suas organizações de classe foram desmanteladas, os jornais operários dissolvidos, os militantes operários perseguidos, presos, torturados.

Inspirada no exemplo do fascismo italiano de Mussolini, a ditadura lançou a organização corporativa, criou os Sindicatos Fascistas, colocou à frente deles lacaios do patronato, autênticos pídes denunciadores dos trabalhadores mais activos.

Com os seus demagógicos apelos à defesa do interesse nacional, à defesa da Pátria, o fascismo tentou conciliar aquilo que aqui, em qualquer parte do mundo, é inconciliável, ou seja, os interesses antagónicos do patrões e operários.

A ditadura procurava deste modo quebrar brutalmente a gloriosa tradição de luta dos irmãos camareiros do princípio do século, procurava acima de tudo a conciliação daquelas duas classes, inconciliáveis em qualquer circunstância.

No entanto, o fundamental é que, ao fim de 43 anos de dominação, a classe operária não foi vencida. Através da multiplicação das suas lutas, através das suas formas de organização autónoma, os trabalhadores sempre recusaram a integração fascista.

Os sindicatos fascistas sempre foram desprezados, os seus dirigentes-pídes denunciados. Os trabalhadores rejeitaram sempre a conciliação de classes que o fascismo pretendia e que na prática se traduzia pela defesa descarada dos interesses do patronato.

Principalmente nos últimos meses a firme disposição de luta da classe operária, traduzida nas lutas dos CAP, do Material Eléctrico, dos Metalúrgicos, de Viciosa de Leiria, da greve geral da Lariaba Grande, era expressão da crescente actividade dos operários e trabalhadores contra a exploração dos capitalistas e a opressão do seu estado fascista.

Fera, principalmente estas lutas, bem como a luta armada dos povos das colónias, que lançaram o regime numa crise cada vez mais aberta, que acentuaram as divisões no meio da classe dominante, que criaram as condições propícias ao triunfo do movimento das Forças Armadas.

Neste momento, as liberdades democráticas estão restauradas, os seus problemas não estão resolvidos, temos que a reverter a situação criada para impulsionar novas formas de organização, para lutar pelos nossos objectivos imediatos, utilizando a nossa arma de classe - a CDEVS - e incluindo faciliadamente as instituições de socialismo, de poder dos trabalhadores.

Lutemos desde já pelo congelamento de preços, o aumento imediato de salários, por um salário mínimo nacional, a redução do horário de trabalho para 40 horas semanais, pela liberdade de imprensa e organização operária, a liberdade de associação e reunião.

Organizemo-nos nos nossos locais de trabalho, alarçamos a luta a todos os trabalhadores através da Associação de Fábrica de Defesa das Investidas e Patroato, por assuntos de auto-defesa.

Restos com a tradição de luta dos nossos avós desde o princípio de século.

Unamo a nossa luta ao movimento mais amplo dos trabalhadores de todo o mundo, pela emancipação do juze que os oprime.

Solidarizemo-nos com a luta de libertação dos povos das colónias. Repoñamo desde logo fim da guerra colonial, através da INDEPENDÊNCIA E PAZ PARA AS COLÓNIAS, através do PROGRESSO E PAZ E INDEPENDÊNCIA DE TODAS AS POSIÇÕES.

VIVA A CLASSE OPERÁRIA!

VIVA A UNIÃO DOS TRABALHADORES DE PORTUGAL!

VIVA O SOCIALISMO!

Este discurso, várias vezes interrompido pelas aplausos das várias pessoas de silhar de pessoas que assistiam ao coffee, bem como por slogans, como seguidamente gritados, de "Socialismo", "Viva a classe operária", "Abaixo a guerra colonial", constitui a base para as posições políticas defendidas, quer pelas propostas apresentadas, a verdadeira marca do 19 de Maio de Coimbra.

Final que se termos sucintos, pela análise que faz da dita era fascista e do momento actual, pelas formas organizativas propostas na organização das lutas, pelas palavras de ordem apresentadas em relação à questão colonial, a oportunidade política do referido discurso é patente, pelo que apelo os para a sua mais ampla divulgação entre estudantes e trabalhadores.

- A LIGAÇÃO DAS LUTAS DEU A VIDA E O MOVIMENTO DA CLASSE OPERÁRIA!

- A VIDA E O MOVIMENTO DA CLASSE OPERÁRIA!

TRABALHADORES-ESTUDANTES UMA SÓ LUTA!

Um grupo de estudantes de Coimbra, maio de 74.